

Setor de saúde amplia busca por 'compliance'

Para especialistas, questão influencia os custos cobrados do consumidor

O setor de saúde tem diversos fatores de risco ligados à questão ética: uma cadeia de atores complexa, um mercado altamente regulado e uma relação muito próxima com agentes públicos. Os programas de *compliance* no setor foram tema de debate realizado ontem pela Med-Rio Check-Up e pelo escritório Siqueira Castro Advogados na Câmara de Comércio França-Brasil.

— Parte dos custos que pressionam os valores dos planos de saúde está relacionada a comportamentos antiéticos, como pagamento de propinas para

uso de determinados medicamentos, procedimentos realizados desnecessariamente, máfias de órtese e prótese. Ao usar um serviço de saúde, o consumidor deve procurar saber se ele tem um *compliance* efetivo — diz Bernardo Lemos, sócio-diretor da consultoria KPMG Brasil e um dos participantes do evento.

Segundo Lemos, pesquisa realizada no segundo semestre do ano passado, com 250 empresas brasileiras, mostrou que 46% das companhias da área de saúde afirmaram ter uma estrutura de *compliance*. No mercado geral, esse percentual é de 41%.

Já Gilberto Ururahy, diretor-médico da Med-Rio Check-Up — pioneira entre as clínicas no Rio de Janeiro no lançamento de um Código de Conduta, em 2016 — lembra que a ética e a transpa-

rência perpassam questões tão cotidianas do setor como a concessão de atestados médicos e a relação com fornecedores. Em meio a essa rotina, porém, há um fator sem preço: a vida.

— Toda vez que um serviço de saúde é contratado, ele tem que ser muito bem conhecido por quem o contrata. É preciso saber o currículo do médico e se o equipamento é aferido regularmente e passa por uma central de esterilização. São coisas básicas que a gente não observa na prática — afirma Ururahy.

Christiana Souto, representante da McKinsey & Company no evento, propôs também uma reflexão sobre o papel do paciente na conduta ética em saúde. Ela apresentou iniciativas ao redor do mundo que estimulam a educação e o engajamento dos

usuários desses serviços em um uso mais sustentável dos recursos. Uma dessas iniciativas é o Vitality, um seguro de saúde na Inglaterra que dá benefícios aos usuários que mantêm um estilo de vida saudável.

— O que os debates sobre o Obamacare, ou sobre o NHS (Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido), estão mostrando é que a sustentabilidade financeira na saúde é uma demanda geral. No Brasil, os serviços de saúde são usados em uma média superior a outros países — alerta.

Leonardo Cotta Pereira, membro da Câmara de Comércio e Indústria França-Brasil e advogado do escritório Siqueira Castro, lembrou que a criação de programas de *compliance* no Brasil tem com o motor a Lei Anticorrupção, de 2013. ●